



A mulher em 75

Mulher. Mulheres. Uma reeducação conjunta. Um pleno e livre exercício das suas potencialidades. Um participar na formulação política. Um lógico reconhecimento dos seus direitos e obrigações perante a sociedade como indivíduos.

75 — ano de acção e promoção do seu trabalho e não um vago lapso de irrisórias comemorações e mesas-redondas.

A situação da mulher portuguesa é a exploração, a discriminação, os tachos, as tardes recózinhas em cafés, o afogamento em preconceitos, as frustrações neuróticas, vidas inúteis e passadas de amor, cosméticos e cozinhados. De desumana desigualdade e vítimas duma supremacia balôfa e masculina, dum sistema político profundamente desigual e fascizante.

Só a partir da supressão das causas da desigualdade se criam as condições necessárias para a verdadeira libertação da mulher. A única via para esta libertação e promoção é a participação na luta da classe operária e das massas populares pelo progresso social.

M.D.M. — Movimento Democrático de Mulheres, movimento unitário que visa a emancipação da mulher, possuindo sede em Espinho, rua 62 na sede do M.D.P./C.D.E., à qual D.E. se dirigiu no intuito de saber qual a sua opinião sobre a actual situação da mulher portuguesa, as dificuldades com que luta e que tipo de realizações levará a cabo neste ano de comemoração e a razão dum dia dedicado à mulher.

D.E. — Porquê e como um dia comemorativo da Mulher?

M.D.M. — Estas comemorações remontam a 1857, ano em que as mulheres trabalhadoras da indústria têxtil americana se revoltaram e reivindicaram justo horário de trabalho e remuneração, visto serem vítimas dum especulativo horário de 16 horas diárias. Consequentemente à sua atitude foram altamente reprimidas. Come-

mora-se então, desde 8 de Março de 1910 este facto que, especificamente em Portugal (através da proposta da F.D.I.M. à Comissão das Mulheres das Nações Unidas) irá pela 1.ª vez ser celebrado paralelamente à campanha de solidariedade e auxílio concreto a Guiné-Bissau.

D.E. — O M.D.M. tenciona levar a cabo algumas realizações alusivas a esta data? E a nível local?

M.D.M. — Já existente antes do 25 de Abril, embora de certo modo clandestino, o M.D.M. aproveita as liberdades democráticas adquiridas para celebrar o Ano Internacional da Mulher. Integradas neste ano comemorativo, têm sido promovidas festas, colóquios e sessões de esclarecimento. A nível local, portanto, em Espinho, nós pretendemos fazer um colóquio, no dia 8, no salão da Piscina, que versará o tema «A Mulher no Trabalho».

D.E. — Qual a situação da mulher portuguesa?

M.D.M. — Vítima de profunda discriminação, de trabalho suplementar, sem qualquer tipo de ajuda por parte do seu companheiro, sem instituições capazes de suprimir graves problemas como sejam, lavandarias colectivas, cantinas, etc., só através duma alteração de estruturas e libertação da própria sociedade se poderá conseguir a sua libertação. Pois, a nível imediato, é um pouco difícil pelas razões já citadas atrás, a par duma mentalização global em que é vital que todas as mulheres participem.

D.E observa, D.E. julga. Aqui deixa um apelo para esta tarefa de reconstrução a todas as mulheres de Espinho para participarem e libertarem-se da sua condição de oprimidas.

Laura Gaio

A hora é de reconstrução Pais de alunos lutam por uma escola melhor

(Conclusão)

Contrariamente ao que, por lapso de redacção, se poderia deduzir da leitura do artigo dedicado à Associação de Pais da Escola Primária da Feira, publicado no nosso último número, o assunto não ficou de modo nenhum esgotado. Retomamos por isso essa publicação que só agora se conclui, dada a sua extensão.

Foram então reproduzidas as declarações dos pais em actividade na escola, no que se refere ao seu trabalho de remodelação e reconstrução das instalações escolares. Para além desta tarefa prioritária, que envolve todos os elementos da Comissão de Pais, soubemos terem-se constituído, de entre esses mesmos elementos, três comissões (cultural, social e desportiva), com objectivos específicos.

Para melhor esclarecimento será melhor devolver a palavra a alguns desses pais:

COMISSÕES SOCIAL, CULTURAL E DESPORTIVA

«A Comissão Desportiva cabe um importante papel na educação completa da criança que, no desporto, poderá usufruir de uma nova e saudável via de comunicação com os companheiros. Procurará também dar um contributo válido para a resolução do problema do acesso de todas as crianças ao desporto.

A nossa tarefa tem-nos sido facilitada pela preciosa colaboração de alunos da Escola de Instrutores de Educação Física do Porto, para o que contamos com o auxílio do Sporting Clube de Espinho. Estes jovens têm vindo dar aulas e dá-las-ão ao longo de dez semanas, no que têm sido acompanhados por nós. Temos assim também a oportunidade de fugir ao sedentarismo a que somos votados durante toda a semana de trabalho. Para além da edu-

cação física propriamente dita, pratica-se futebol, voleibol, basquetebol, andebol, etc. Estas actividades de fim-de-semana têm-se desenvolvido no parque de campismo, e no pavilhão. Contamos, no entanto, com a cedência dos pavilhões dos clubes da cidade, quando tal for necessário».

«A Comissão Social existe por enquanto apenas em projecto, pois há necessidade de dados concretos para o arranque. Contactaremos uma assistente social que nos orientará na objectivação do plano, concretamente na elaboração de ficheiros. A formação desta comissão justifica-se pela consciência da segregação a que as crianças das classes mais desfavorecidas estão sujeitas. É pela integração social dessas crianças e pelo seu efectivo acesso à cultura e outras regalias que nos propomos lutar».

«No que respeita à Comissão Cultural temos já um vasto programa em estudo, que possivelmente ficará elaborado em definitivo ainda esta semana. Constatamos desse programa passeios de estudo a unidades fabris, a criação de um grupo coral, projecção de filmes, teatro, enfim, toda uma série de actividades circum-escolares que se julguem de interesse. Para iniciar este processo, está já programada a visita a uma fábrica no próximo sábado. Preocupamo-nos seriamente, e para além do que referimos, a iniciação das regras de trânsito. Como se verifica, não existem passeadeiras para os garotos atravessarem as ruas, nem qualquer tipo de sinalização próximo das escolas. Já nos dirigimos à Câmara com o intuito de se colocar o mais cedo possível a sinalização adequada. Em função disso, poderemos instruir os miúdos nesta matéria.»

(Continua na pág. 2)

PALAVRAS SOLTAS

— Não pode ser! Não acredito!
— Já lhe disse! Também eu não queria acreditar mas é mesmo verdade!
— Mas... parece-me impossível.
— Pois é, mas o certo é que ele é comunista. Quanto a isso não há qualquer dúvida.
— Mas como é isso possível, se o arquitecto é uma pessoa tão honesta, tão íntegra, tão dada.
— É verdade, e sempre disposto a atender algum problema, a dar ajuda a quem precisar, preocupando-se com o que se passa à sua volta. Seja como for, ele é comunista, embora seja uma excelente pessoa.

Três senhores conversavam numa mesa de café desta cidade. E diziam coisas destas, que não comentamos, apenas transcrevemos como documento rigoroso duma certa forma de (não) encarar a realidade.

— «Eles» já nacionalizaram 3 bancos e são capazes de querer nacionalizar mais. O pior é que isso para nós vai-nos trazer problemas. O Estado não é, de certeza, tão bom patrão como os particulares. E eu estou-me nas tintas para «eles». Não eu venham cá falar em política de sacrifícios. O meu patrão é o que paga mais. Isto dizia um trabalhador, pertencente a uma das classes profissionais economicamente mais favorecidas: a dos bancários. Sabemos que tem sido também uma das classes mais combativas, o que não impe-

de que do seu seio surjam palavras soltas como estas.

Segundo informações, não oficiais, mas de certa confiança, o Casino de Espinho terá tido um lucro de aproximadamente 50 000 contos na última época de jogo, nas respectivas bancas.

Ficamos à espera do melhor comentário a esta informação. Diga-nos o que pensa.

Conversa de café (para quando uma análise séria da importância do «café» na vida da nossa cidade?):

— Os Partidos «mandam muita letra», falam de tudo, têm solução para todas as coisas. E com tantos que há, decerto que se vai resolver tudo. Só no futebol é que nenhum fala. Com o futebol ninguém se mete. Aconteça o que acontecer o futebol continua intocável.

— É só greves, e mais greves. Esta malta não quer é fazer nenhum. Eu comecei aos 13 anos e trabalhei 50 seguidos e mais horas por dia do que eles agora. Se querem greve, o Sindicato que os sustente. Era um trabalhador de idade, cansado zangado por uma vida difícil e incapaz de analisar correctamente o que se passa à volta dele.

A. S.

Última página
Você interessa-se pela coisa?
Página 5
Imprensa reaccionária

A importância de se chamar Académica

Na última página do «LITORAL» do primeiro dia deste mês, lemos mais um episódio da série simplesmente «PARECE MENTIRA, MAS É VERDADE...», cujo título (do episódio) era: «Ainda não foi resolvido o «caso» da Académica de Espinho».

Pelos vistos e lidos, a Académica de Espinho é altamente importante, e Aveiro (Cidade ou Distrito?) nutre por ela um cuidado verdadeiramente enternecedor. E já que assim é, inventamos o diálogo que segue, utilizando todas as afirmações insertas no «LITORAL».

LITORAL — As vezes as coisas simples complicam-se, quando nada o faz prever, nem se justifica. O «caso» da filiação da Académica de Espinho no Hoquei em Patins é um exemplo flagrante.

D.E. — É flagrante que a permanência da Académica no Porto, onde sempre esteve, é a coisa mais simples do Mundo, nada justificando as complicações criadas.

LITORAL — Um clube do Distrito de

Aveiro — é mais que evidente — só pode jogar numa Associação de Aveiro.

D.E. — Certo, certíssimo, se partirmos do princípio que o Distrito de Aveiro é uma coisa indiscutível.

LITORAL — Ninguém será capaz de ver o problema de outra forma.

D.E. — Nós vemos o problema diferentemente.

LITORAL — Ninguém actualmente porque, em alguns lados, com predilecção pelos privilégios e comadrios antigos, ainda são capazes de raciocinar ao contrário...

D.E. — A nossa visão continua a não ser estrábica segundo nos atesta o oftalmologista. Quanto a privilégios & C.ª, somos contra eles.

LITORAL — O 25 de Abril parece que, de facto, ainda não atingiu certas terras e é urgente que aí chegue.

(Continua na pág. 2)

A hora é de reconstrução A importância de se chamar Académica

Pais de alunos lutam por uma escola melhor

(Continuação da 1.ª pág.)

O PROFESSOR E O ALUNO

Dirigimo-nos em seguida ao professor Aires Guimarães:

D.E. — Já que o senhor professor foi o motor de toda esta iniciativa, gostaríamos de saber se actuou espontaneamente ou se se inspirou em iniciativas do mesmo género de que tenha tido conhecimento?

A. G. — Não propriamente. Sabia já que se estavam fazendo reuniões com pais e como reconhecia nesta escola grandes carências, após me ter dirigido à Câmara, sem resultados imediatos, apelei para os pais dos alunos. Surpreendeu-me a boa vontade e dedicação de alguns pais que constantemente se prontificam a trabalhar e a dar novas ideias. Já algo foi feito e vejo satisfeitíssimo a continuação deste trabalho.

«Claro que as péssimas condições em que esta escola sempre se encontrou e que, embora ultimamente com alguns melhoramentos, não foram totalmente resolvidas, são em parte devidas ao descuro dos antigos professores que, por saturação de tarefas que mantinham há longo tempo ou por negligência, pouca assistência davam aos problemas da escola. A propósito das carteiras, costumo dizer aos alunos: — 50 anos de lixo vos contemplam. Quando para aqui vim, tentei, dentro do que me era possível, actualizar o material escolar e mesmo resolver a questão da divisão dos alunos das duas escolas. Para tudo isto, é preciso haver colaboração e acção, pois a «ver passar os comboios» não se resolve nada...»

Entretanto, interpelámos um dos alunos que por ali brincavam ou observavam, procurando saber a sua opinião acerca de tudo o que se passava:

D.E. — Em que classe estás?

«Na quarta».

D.E. — O que é que achas disto tudo?

«Acho melhor, que está a ficar melhor. Há desporto e dantes não havia, estão-nos a limpar as carteiras...»

D.E. — Estiveste aqui hoje de manhã?

«Estive. Fizemos desporto e eu gostei muito. Jogámos bola, fizemos ginástica... Estive eu e mais trinta e dois colegas...»

D.E. — Gostas da tua escola?

«Gosto muito e vou passar a vir cá com mais gosto.»

A DIVISÃO SEGREGACIONISTA DOS ALUNOS

Ao pedido de melhores esclarecimentos sobre a questão da «divisão dos alunos» levantada pelo prof. Guimarães, fomos prontamente atendidos pelo professor e pais presentes:

«Para além das deficiências nas suas condições de aprendizagem, muitas crianças vêm-se sujeitas a um sacrifício suplementar, que poderia ser evitado. Acontece que muitas delas têm de percorrer diariamente, ao sol ou à chuva, vários quilómetros, desde a zona mais a sul da cidade até esta escola, que «curiosamente» é a que fica mais ao norte de Espinho. E a situação é tanto mais estranha quanto se sabe que há uma Escola Primária n.º 2 (da Tourada) que serviria a zona sul da cidade, para além da escola do Bairro Piscatório que é frequentada pelas crianças do meio.»

Esta anomalia tem origens bem mais graves do que uma simples deficiência burocrática, que poderiam em princípio justificá-la. Sucede que certos responsáveis pela direcção da Escola da Tourada têm procurado deliberadamente polarizar os filhos das camadas privilegiadas para o seu feudo, procurando desviar para a nossa escola os filhos das classes trabalhadoras. Esta situação tem-se vindo a arrastar desde há longos anos com o beneplácito da Direcção Escolar de Aveiro. Este segregacionismo tem sido criado das formas mais abusivas e culminou este ano com um atropelo bastante significativo. Foi nesta escola criado mais um lugar para professor, que teve de ser preenchido por 30 alunos, enviados pela Escola da Tourada que se dizia superlotada. A «coincidência» neste caso chegou ao extremo seguinte: 27 desses alunos, com idades a rondar os 6 ou 7 anos, moravam a sul da rua 23, e, em certos casos, em Sales, na rua 43, Espinho-Vouga, rua 39, etc. Alegam os senhores da Escola da Tourada que apenas se retiraram os nomes numa lista já elaborada. Mas, para além disto, outros alunos repentinos na escola dos privilegiados foram autenticamente despachados para a «escola da pobre».

«Escusado será dizer que todos estes alunos eram oriundos das classes mais des-

favorecidas, com um rendimento escolar infelizmente inferior ao normal, em virtude das suas próprias deficiências de alojamento e alimentação. Repare-se que não há da parte dos professores desta escola qualquer preferência por estes ou outros alunos, pois eles são todos merecedores do nosso respeito, o que não parece acontecer noutras escolas. É apenas um problema de justiça e bom senso.»

«Muitos dos pais dessas crianças sentem a injustiça de que são vítimas, mas são impotentes, em face da sua inexperiência burocrática, que lhes impede de recorrer aos meios legais ao seu dispor. Os mais renitentes chegaram mesmo a serem ameaçados com a polícia. Entre nós há casos flagrantes de pais que têm filhos em escolas diferentes.»

«Para além dos alunos, maiores vítimas deste elitismo grosseiro, os próprios professores desta escola sentem-se muito justamente feridos no seu brio profissional, pois tem-se igualmente procurado estender esse elitismo ao pessoal docente, com todo o proveito dos senhores professores da Tourada, que «peneiram» os alunos que se inscreverem na sua escola. Chegou-se ao ponto de se afirmar a uma senhora que se ela queria lá inscrever o seu filho, era porque os professores de lá eram melhores do que os de cá, e não porque a escola estivesse mais perto.»

«Para a resolução desta anomalia os professores desta escola tentaram dialogar com os professores da outra escola, mas até ver nada se conseguiu. Continuarão a tentar. Embora o regulamento seja bem claro no que se refere à distribuição dos alunos pelas escolas, não tem sido cumprido. A solução talvez fosse a que já se pratica em Viseu: há uma escola onde se fazem todas as inscrições, sendo as crianças colocadas em todas as escolas em função do local onde residam. Talvez se possa fazer o mesmo em Espinho. Mas qualquer que seja a solução não nos parece que pela Direcção Escolar de Aveiro se resolva o problema. Talvez seja uma outra situação a rever. Por isso mesmo, todos os contactos têm sido feitos directamente ao MEC.»

«Como se pode ver, os problemas e as deficiências são inúmeras. Mas se o nosso esforço não for totalmente recompensado, julgamos que poderá ser uma experiência de que se possam colher conclusões válidas. Os próprios erros cometidos poderão ser uma lição para iniciativas futuras que sigam os mesmos moldes.»

Esta última intervenção resume, ao fim e ao cabo, os objectivos que nos levaram à Escola da Feira: dar o devido relevo a uma iniciativa isolada, mas que com o seu exemplo poderá apontar o caminho certo a trilhar por aqueles que realmente estão interessados na reconstrução do país: a participação activa, e a organização em todas as frentes. Esta iniciativa é de aplaudir, mas isso não basta; mais necessário será reflectir e agir.

D. E.

(Continuação da 1.ª pág.)

D.E. — Pois, pois, às terras e ao Desporto.

LITORAL — A Académica de Espinho não tem razão alguma e insiste em ser egoísta e em levantar dificuldades por simples capricho.

D.E. — Se defender interesses legítimos, é ser egoísta e caprichoso, o que será ter razão?

LITORAL — O Secretário de Estado dos Desportos convocou, para a penúltima quarta-feira, os directores espinhenses; e, na passada sexta-feira, ouviu a Associação de Patinagem de Aveiro. Como não foi possível chegar a acordo, marcou agora uma reunião de directores dos clubes de Aveiro e da Académica de Espinho, conjuntamente, para o próximo dia 5 de Março.

D.E. — Como dissemos no nosso último número, a Académica e o Secretário de Estado chegaram a acordo, mas este membro do Governo não chegou a assinar o despacho que mandara redigir.

LITORAL — Há tempos, já aqui fizemos um apelo ao Governador Civil de Aveiro para acabar com este diferendo dentro do Distrito. Hoje, juntamos ao seu nome o do Delegado Distrital da Direcção-Geral dos Desportos, lugar agora já preenchido.

D.E. — Há tempos já comentamos o apelo ao Governador, não tendo uma virgula a mudar agora.

E voltamos a reafirmar, como dissemos no nosso número de 18 de Janeiro, que «...o apelo que fazemos é ao bom senso. O bom senso que tão maltratado tem sido pela teimosia do Presidente da C.A. da A.P.A., teimosia que pretende impor à Académica uma coisa que ela conscientemente não aceita, teimosia que, pela sua cegueira, está a arrastar os filiados daquela Associação para uma situação desagradável de que só eles serão vítimas e não o seu chefe de fila. Porquê querer arrastar para a paragem completa os clubes só porque a Académica, que sempre pertenceu à Associação de Patinagem do Porto, não quer sair de lá e tem razões de sobejo para isso, razões que não estão à sombra de meras estruturas regulamentares mas sim alicerçadas em bases reais, indiscutíveis e lógicas?».

LITORAL — Pode dizer-se que Aveiro-Distrito e Aveiro-Cidade estão a ser ofendidas com uma posição inconcebível, e que está a causar espanto a toda a gente pelo Distrito além, até por partir de uma cidade que a Aveiro quase tudo deve.

D.E. — O que é verdadeiramente de espantar, para além da pretensa ofensa que se vem fazendo ao Distrito e à Cidade de Aveiro, é a desfaçatez de afirmar-se que Espinho quase tudo deve a Aveiro (cidade ou Distrito?). Porque é que o

Litoral não faz pública essa conta-corrente dos débitos espinhenses? Ou não haverá contabilista que lhe pegue?

LITORAL — E, convenhamos, que o problema é muito grave para o Desporto Distrital. A Comissão Administrativa da Associação de Patinagem de Aveiro continua firmemente demissionária e, com o seu abandono, a obra tão bela e importante que estavam a erguer morre-á totalmente...

D.E. — Desporto Distrital será uma coisa. Uma modalidade do Desporto Distrital já será outra. Onde está o espírito desportivo de senhores que, depois de erguer «obra tão bela e importante» sem a Académica de Espinho, a deixam morrer só porque esta não desiste de defender os seus legítimos direitos? Que responda quem souber e, ao mesmo tempo, explique por que razão não é possível a A.P.A. ter, após tanto tempo de existência, uns autênticos Corpos Gerentes em vez de uma quase ditatorial Comissão Administrativa.

LITORAL — Não! Os responsáveis pelos destinos do Distrito de Aveiro não podem perder esta contenda, nem adia-la.

D.E. — Pois o adiamento é que está a prejudicar tudo isto. Já decorreu tempo demasiado para que QUEM PODE ainda não tenha tomado a decisão de arrumar o assunto em definitivo, nem sequer tenha sido capaz de exarar o despacho provisório prometido aos dirigentes espinhenses.

Findo este diálogo, e sem ironias agora, impõe-se lamentar que, com base numa legalidade que vem de antes do 25 de Abril de 1974, se teime em virar as costas às realidades dos tempos que correm. Tempos que não são os da Senhora D. Maria II, em cujo reinado foi criado o Distrito de Aveiro. Distrito de Aveiro que não pode ter a mesma área de há um século atrás. Porque até antes do 25 de Abril de 1974 muitas entidades esqueceram a divisão administrativa e se adaptaram à marcha do tempo, e enquanto não surge o novo Código Administrativo que a revolução actual exige, ao menos que nos outros sectores, nomeadamente o desportivo, sejamos realistas. Ou não estamos num Portugal novo?

Carlos P. Morais

CASA

Pretende alugar casal idoso, para todo o ano, com cinco divisões, independente e com pequeno quintal, localizada na Granja, Silvalde ou Espinho. Telefone n.º 23394 — Paredes - DOURO

DEFESA DE ESPINHO

SEMANÁRIO

FUNDADOR

BENJAMIM COSTA DIAS

REDACÇÃO

ALEXANDRE FALCAO
FAUSTO NEVES
JOSE JOAO MAIA
JOSE PINTO
MORAIS GAILO
NUNO BARBOSA
VITOR SOUSA

PROPRIEDADE

EMPES — EMPRESA DE PUBLICIDADE DE ESPINHO, LDA.

Redacção e Administração

RUA 19 — N.º 62

TELEFONE, 921525

AVENÇADO

Composição e Impressão

OFICINAS GRÁFICAS DA

CASA NUN'ALVARES

Rua de Santa Catarina, 630

PORTO

Contabilista

GRANORTE — Granulados de Cortiça do Norte de Portugal, Lda., com sede e escritórios em RIOMEÃO/FEIRA, admite GUARDA-LIVROS de preferência com conhecimentos de Francês e Inglês.

Pede-se curriculum vitae

XADREZ — CONCURSO DE PROBLEMAS

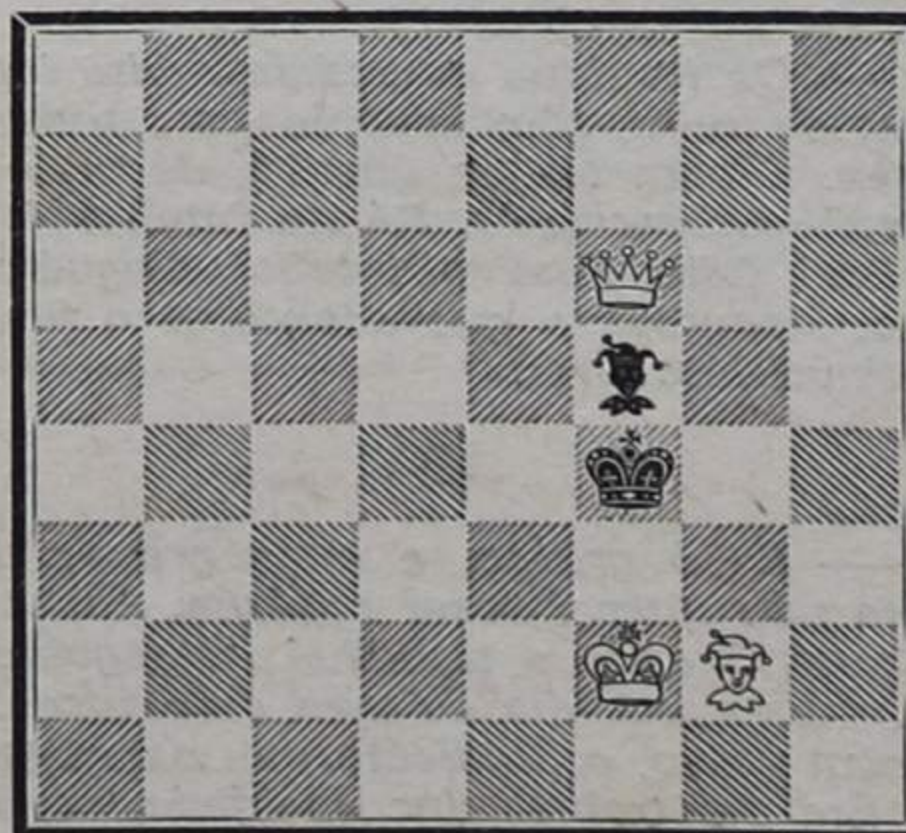
A Secção de Xadrez da Associação Académica de Espinho inicia esta semana um concurso de problemas de Xadrez que se prolongará por 10 semanas, tendo em vista a divulgação da modalidade.

As respostas devem ser enviadas em bilhete postal para a A.A.E. — Secção de Xadrez até ao sábado seguinte.

Aos concorrentes melhor pontuados serão atribuídos prémios. A cotação total implica a apresentação de todas as possíveis alternativas.

As brancas jogam e dão mate em 3 lances.

Solução vale 3 pontos.



LEIA E ASSINE A DEFESA

NOTÍCIAS DA CIDADE

Agenda

A C.P. PARIU UM RATO...

Espinho acreditou, uma vez mais, que desta vez é que era. Sim, a C.P. finalmente ia fazer grandes obras. As tais que substituíam a ambição irrealizável da mudança da linha para leste. Um leste que não é polo magnético das ferrovias nacionais. Espinho acreditou mais uma vez e também mais uma vez ficou de nariz à banda. Porque aquilo que temos de tão laborioso parto é um ratito anémico: Um arranjozinho no cais de passa-

geiros sobre a passagem subterrânea; mais duas gradezinhas daquelas tão bonitinhas que é estilo C.P., o desaparecimento da guarita onde irritante campanha anunciava a aproximação dos comboios que estavam a sair da Granja ou de Esmoriz; o derrube do pesadão painel de cimento que se destinava à inserção de publicidade; e mais nada que se note à primeira vista.

O INFANTÁRIO DO SILÊNCIO:

No último número de 1974, fazendo-nos eco de boa fonte informativa, anunciamos que no próximo (hoje passado) mês de Janeiro se deslocaria a Espinho um arquitecto do Instituto de Obras Sociais para que se procedesse ao arranque efectivo do Infantário de Espinho. Neste momento apenas sabemos que

o autor do projecto do Infantário já foi contactado por alguém do I.O.S. Quanto ao resto é silêncio. Silêncio que nos faz duvidar do critério de urgência que em Dezembro último foi afirmado ir ser imprimido ao início das obras, ficando a temer que venhamos a ter apenas um Infantário do Silêncio...

VIDA REGIONAL

Paramos

RUAS

O que tenho escrito neste jornal, acerca de ruas e autorização de construções, parece-me que está a ser considerado por parte dos habitantes de Paramos como prejudicial aos interesses da freguesia, pelo ângulo como o assunto está a ser visto.

A minha posição face ao assunto foi posta por escrito neste jornal, nos números de 11 e 25 de Janeiro e 15 e 22 de Fevereiro do corrente ano, portanto, até que entenda conveniente, deixarei que o futuro mostre de que lado está a razão.

HABITAÇÃO

A Comissão Administrativa da Junta desta Freguesia começou, finalmente, a ocupar-se com a designação de uma zona de terrenos que deverá ser escolhida, adquirida e preparada pela administração pública e posta em condições acessíveis ao dispor das pessoas que necessitem construir.

Isso são processos a pôr em prática, sem demora, para uma necessária renovação de justiça social.

ABRIGO DO APEADEIRO

Finalmente, foi iniciada há uns dias a construção de um dos dois abrigos para o apeadeiro de Paramos.

Os alicerces estão já feitos e pelo ritmo dos trabalhos a obra deve ficar pronta dentro de muito poucas semanas.

SESSÃO DE ESCLARECIMENTO DO PARTIDO SOCIALISTA

Com a presença de bastante assistência realizou-se no passado domingo, com início marcado para as 21,30 horas, no salão da Banda em Paramos, uma

sessão de esclarecimento do Partido Socialista.

Os mais responsáveis pelo decorrer dos trabalhos procuraram (em meu entender) conduzir a sessão com especial correcção.

CRUZAMENTOS PERIGOSOS

No cruzamento da estrada Espinho-Ovar-Apeadeiro de Paramos, deu-se ao princípio da tarde de domingo, 23 de Fevereiro, um vulgar embate de veículos, do que resultaram sérios prejuízos materiais nos automóveis GD-34-70 e BM-52-35, de que eram proprietários e condutores os Srs Alberto Pinto de Sá, de Silvalde e Joaquim Inocêncio, de Maceda-Ovar, respectivamente.

Por sorte não se registaram desastres pessoais, pois um dos ocupantes do primeiro carro, foi cuspidado e só não foi esmagado porque os veículos quase não se deslocaram do sítio do embate.

A maior culpa pertencerá certeza a um muro que tira a necessária visibilidade e que torna aquele cruzamento, tal como o da curva da Senhora da Guia, a escassas centenas de metros, como duas perigosíssimas ratoeiras que deviam ser desarmadas por quem o possa fazer.

1.3.75

DOMINGOS MONTEIRO

Compra-se

Terreno com 2 000 m2 para construir fábrica nesta cidade ou arredores. Telefonar para 921001

DO HOSPITAL

Movimento de 25-2-75 a 4-3-75

Internamentos Gerais	53
Exames Radiográficos	137
Crianças Nascidas	21

Intervenções Cirúrgicas

Urologia	3
Ortopedia	4
Oftalmologia	4
Cirurgia Geral	11
Otorrino	11
Obstetrícia	2

Serviço de Urgência

Homens	228
Mulheres	163

Internados entre outros

Rosa Celeste Teixeira Gonçalves Azevedo Ribeiro de Fânzeres, para Obstetrícia;

Maria Olinda Oliveira Chaves de Espinho, para Obstetrícia;

Clementina Ferreira Leite de Moselos, para Obstetrícia.

CAFÉ CRISTAL

Sociedade Espinhense de Café, SARL

ASSEMBLEIA GERAL ORDINARIA

Convocatória

Convidam-se os Exmos. Senhores Accionistas desta Sociedade a reunirem em Assembleia Geral Ordinária, no próximo dia 14 de Março, pelas 22 horas, no salão da Sede do Sporting Clube de Espinho, sita à Rua 8, desta cidade, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1.º — Apreciar, aprovar ou modificar o Relatório, balanço e contas, relativo ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1974.
- 2.º — Eleger novo Presidente do Conselho Fiscal, pela impossibilidade de continuação nesse exercício do eleito anteriormente.

No caso da Assembleia não poder funcionar nesta 1.ª Convocatória por falta de número legal de accionistas, fica desde já esta Assembleia convocada para funcionar em 2.ª Convocatória, no mesmo local e à mesma hora, com a mesma ordem de trabalhos, no dia 21 de Março próximo, a qual funcionará com qualquer número de accionistas.

Espinho, 2 de Março de 1975.

O Presidente da Assembleia Geral

Jerónimo Ferreira Reis

Compra-se

Casa devoluta, pequena e com pequeno quintal

Indicar preço e mais detalhes a este jornal ao n.º 79

TRIBUNAL DA VILA DA FEIRA

Pelo Tribunal Judicial desta comarca da Vila da Feira e 1.ª secção do 1.º Juízo, correm éditos de 10 dias, contados da publicação do último anúncio, citando os credores da massa falida, para no prazo de 10 dias posterior àquele dos éditos, contestarem, querendo, a acção para separação de bens que a firma «Auto-Comercial Ouro, Lda.», sociedade comercial por quotas, com sede à Rua Fernandes Tomaz, 71, no Porto, move contra os citandos e o administrador da falência de João António Ferreira da Veiga, casado, industrial, da Rua 20, número 1203, 2.º, em Espinho, de que esta é apenas sob pena de se ter por reconhecido o direito à restituição ou separação da massa da viatura de marca FORD ESCORT IE-50-19 e, conseqüentemente, a sua entrega à autora.

Vila da Feira, 6 de Fevereiro de 1975.

O Juiz de Direito,

Manuel Pereira da Silva

O Escrivão de Direito,

Domingos da Silva Lopes Machado

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

2.º TURNO

Hoje, sábado, — FARMÁCIA TEIXEIRA, rua 19, n.º 46 — Telefone 920352.

Amanhã, domingo — FARMÁCIA SANTOS, rua 19, n.º 263 — Telefone, 920331.

Segunda-feira — FARMÁCIA PAIVA, rua 19, n.º 319 — Telefone, 920250.

Terça-feira — FARMÁCIA HIGIENE, rua 19, n.º 393 — Telefone, 920320.

Quarta-feira — GRANDE FARMÁCIA, rua 62, n.º 457 — Telefone, 920092.

Quinta-feira — FARMÁCIA TEIXEIRA, rua 19, n.º 46 — Telefone, 920352.

Sexta-feira — FARMÁCIA SANTOS, rua 19, n.º 263 — Telefone, 920331.

CINEMAS

S. PEDRO:

Hoje, Sábado, 8 — OS ACROBATAS DO CRIME, com Serge Regiani e Juliet Berto — 18 anos.

Amanhã, Domingo, 9 — O EXORCISTA, com Ellen Burstyn e Lee J. Cobb — 18 anos.

Terça-feira, 11 — MAHLER — DELÍRIO FANTÁSTICO, com Robert Powell e Georgina Hale — 13 anos.

Quinta-feira, 13 — ROSAS VERMELHAS, com Gina Lollobrigida e Susan Hampshire — 18 anos.

Sexta-feira, 14 — COM TANTO AMOR... COM QUAL AMOR?, com Catherine Spaak e Claude Rich — 18 anos.

CASINO:

Hoje, Sábado, 8 e amanhã, Domingo, 9 — AEROPORTO 1975, com Charlton Heston e Karen Black — 13 anos.

Segunda-feira, 10 — BUDO QUERIDO, com Michel Simon e Charles Granval — 18 anos.

Quarta-feira, 12 — DÁ-LHE AGORA, com Franco Franchi e Ciccio Ingrassia — 13 anos.

Sexta-feira, 14 — O FILTRO DO AMOR, com Nino Manfredi e Miriàngela — 18 anos.

NASCIMENTOS

EM ESPINHO:

Pedro Manuel, filho de Manuel Maria Félix Dias Pereira e de Ana Maria Campos Gomes de Castro;

Nuno Alexandre, filho de Augusto da Cunha e Sousa e de Maria Amélia de Oliveira Monteiro e Sousa.

CASAMENTOS

EM ESPINHO:

Na Igreja Matriz

António Natividade da Silva com Rosa Maria Capela da Silva;

Na Conservatória

Oscar Correia de Carvalho com Deolinda Carneiro de Sousa.

FALECIMENTOS

EM ESPINHO:

José Manuel de Amorim, de 50 anos, casado com Maria Elisa Martins.

Centro de Enfermagem de Espinho

Todos os serviços de enfermagem oxigénio, camas articuladas, etc.

Ambulâncias com oxigénio para transporte de doentes

Horário das 9 às 12 e das 14 às 20 h.

Telef. 921587 (das 9 às 20 h.)

Telefone de urgência 922329

Rua 16 n.º 868 — ESPINHO

Pede-se à pessoa que levou da minha firma na Rua 18 n.º 825 há cerca de 3 meses um televisor Marca SALORA CORTINA 2 com o n.º 76197 deixando o seu da mesma marca com o n.º 84911, o favor de vir com urgência fazer a troca.

Agradece o proprietário

Arte e Capitalismo

O sistema capitalista burguês, o mundo das «ilusões perdidas», a corrida desenfreada ao lucro, originou vários movimentos de revolta ao nível da arte. O romantismo foi um desses movimentos.

A pequena burguesia temendo ser atacada de morte pela força crescente da classe operária, incarna a contradição social. Se por um lado ela se volta para os tempos novos contribuindo para o enriquecimento geral imaginando novas possibilidades, por outro lado fica obstinadamente agarrada à segurança da hierarquia e da ordem mantendo uma certa saudade dos «bons velhos tempos». Apesar do romantismo ter características diferentes que variam de país para país, mantinha um ponto comum que se traduzia num autêntico ódio de morte ao capitalismo.

A falta de confiança na força da classe operária e a impotência dos artistas contra o poder crescente do capitalismo burguês, fez com que estes dissessem «não» à realidade que os cercava, situando-se neste caso com especial relevo os românticos alemães. Essa atitude teve os seus frutos. Ao «não» à realidade estava implícito um «sim». Embora a fuga à realidade conduzisse os artistas a um certo exotismo, ao desconhecido, ao sonho, a verdade é que, ao mesmo tempo eles voltavam a si próprios, ao passado, às origens, ao povo. Esta experiência fez com que o indivíduo viesse ao de cima isolado e defeituoso visto que existia o confronto com a sociedade sem que houvesse qualquer espécie de auxílio contando os artistas consigo mesmos.

A fuga à realidade levou os artistas a afastarem-se dos problemas sociais comportando-se assim como autênticos burgueses capitalistas o que originou neles próprios um verdadeiro conflito; por um lado a revolta contra os valores burgueses e o sistema capitalista, por outro o medo das consequências da revolução conduzindo-os a uma atitude reaccionária. Não quero dizer com isto que todos os artistas se tornaram reaccionários até porque em muitos deles o romantismo e o realismo coexistiam tornando-se alguns verdadeiros revolucionários.

Uma das descobertas mais importantes do romantismo foi o conceito de «folclore» e de «arte popular». O conhecimento das canções populares, o folclore e a arte popular foram consideradas como sendo a voz autêntica do povo em oposição às manifestações artísticas alienantes do capitalismo.

O conceito romântico de «povo» conduziu a uma perspectiva errada da arte. Se a arte popular era considerada como sendo a verdadeira, a autêntica arte é porque ela exprimia qualquer coisa de comum a muitos homens e reflectia as ideias duma comunidade. No entanto acontece o mesmo em relação a toda a arte. Quem faz a arte não é propriamente o povo mas sim o indivíduo que reflecte o sentir desse mesmo povo.

Mais tarde surge um movimento semelhante e que se intitulava «arte pela arte». Nascido igualmente no mundo burguês a par do realismo, tinha como finalidade explorar e criticar a sociedade. É também um movimento de protesto contra as balofas preocupações comerciais da burguesia. Este movimento caracterizava-se pela renúncia por parte do artista à não produção de obras de arte com finalidades comerciais e por isso a não aceitação da obra de arte como mera mercadoria manipulada pela burguesia capitalista.

Outro movimento de revolta nos surge — o impressionismo. O início desta atitude de revolta dá-se com Courbet que numa carta dirigida ao ministro das Belas-Artes, recusa formalmente a condecoração que lhe é atribuída, a Cruz da Legião de Honra, e explica: «Em tempo algum, em caso algum eu a teria aceiteado. Muito menos a aceitaria hoje quando as traições se multiplicam por toda a parte e a consciência humana se entristece perante tanta deslealdade. O meu sentimento de artista não podia deixar de repelir uma recompensa que me é outorgada pela mão do Estado. O Estado é incompetente em matéria de arte». Nesta tomada de posição, Courbet exprimiu o sentimento de artistas da época, um sentimento de revolta contra uma sociedade burguesa em vias de decomposição. A arte académica, as formas antigas sem conteúdo, o idealismo por encomenda, o sentimentalismo falso das emoções, a mentira, a palavra oca, a hipocrisia, a respeitabilidade prostituída pela comercialização, o político reaccionário falando em igualdade, liberdade e fraternidade, foram factores decisivos para uma tomada de posição da parte dos artistas impressionistas.

No seguimento dessa luta, situa-se em literatura o naturalismo tendo como ponto de partida Flaubert o seu romance Madame Bovary.

A. F.

Cartório Notarial de Espinho

A cargo da notária Lic. Maria Fernanda de Vasconcelos de Aguiar da Fonseca e Castro.

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 24 de Fevereiro de 1975, lavrada de folhas 7 verso a 9 verso do livro de notas para escrituras diversas A-Número 40 deste cartório notarial de Espinho, a sociedade comercial em nome colectivo sob a firma «MATOS & OLIVEIRA», com sede presentemente em Espinho, Rua Trinta e Um, número 852, foi transformada em sociedade por quotas que, sob esta nova forma jurídica, passa a reger-se pelos artigos seguintes:

Primeiro — A sociedade adopta a firma «MATOS & OLIVEIRA, LIMITADA», durará por tempo indeterminado, contando-se o seu início, por esta nova forma jurídica, a partir de um de Março de 1975.

Segundo — A sociedade continua a ter a sua sede em Espinho, Rua Trinta e Um, número 852, e por objecto o fabrico e venda de precintos, chapas para barris e pipas, cápsulas para champans e outros artigos a cuja exploração a sociedade delibere dedicar-se, nos termos da lei.

Terceiro — O capital social é de 200 000\$00 e corresponde à soma das quotas dos sócios do seguinte modo: Manuel Ribeiro de Matos, com uma quota de 100 000\$00 e Joaquim Rodrigues de Oliveira, com uma quota de 100 000\$00.

Parágrafo único — A quota do sócio Joaquim Rodrigues de Oliveira encontra-se realizada em dinheiro e a do sócio Manuel Ribeiro de Matos encontra-se realizada em dinheiro e pelos valores constantes da respectiva escrituração da sociedade transformada, parte aquela em dinheiro na importância de 95 000\$00 com que agora contribui para o aumento de capital, igualmente contribuindo o restante sócio com igual quantia de 95 000\$00.

Em consequência, o capital social es-

tá integralmente realizado a dinheiro e pelos valores constantes da respectiva escrituração da sociedade transformada.

Quarto — Quando, segundo acordo de sócios, a caixa social necessitar de algum suprimento, poderá este ser feito por ambos os sócios ou por qualquer deles, ao juro anual de cinco por cento.

Quinto — Ambos os sócios são gerentes, com ou sem direito a remuneração, conforme for deliberado, podendo qualquer deles usar da firma social que só nas operações sociais poderá ser empregada; mas a cargo do sócio Manuel Ribeiro de Matos ficará especialmente a gerência industrial e a cargo do sócio Joaquim Rodrigues de Oliveira a gerência comercial.

Parágrafo único — Nos documentos de maior responsabilidade, como letras, cheques e semelhantes, são indispensáveis as assinaturas feitas pelos dois sócios.

Sexto — A cessão de quotas a estranhos depende do consentimento do sócio não cedente.

Sétimo — Em caso de dissolução da sociedade com adjudicação de todo o activo e passivo a um dos sócios o outro terá direito a haver em dinheiro o que se apurar pertencer-lhe, nos termos do último balanço efectuado, e será paga em três prestações semestrais, sem direito a juro, podendo ser representadas por letras.

Oitavo — As assembleias gerais serão convocadas por cartas registadas dirigidas aos sócios com pelo menos oito dias de antecedência, salvo as disposições da lei imperativa.

Está conforme ao original.

Espinho e cartório notarial, 25 de Fevereiro de 1975.

O Ajudante do Cartório,

José dos Santos SII

Os bonecos do Falcão



LEIA E ASSINE «A DEFESA»

FIM DE SEMANA • 93

Neste momento o papel da imprensa na vida nacional é fundamental.

Não está ela sujeita a exame prévio, mas não está totalmente isenta de uma outra espécie de censura — a interna, de orientação puramente política.

Não nos referimos, como é evidente, à imprensa privativa dos partidos políticos, porque essa, pela sua função, apenas pode fazer propaganda a favor do ideário que representa.

Referimo-nos à chamada grande imprensa, ou seja, a diária de Lisboa e Porto e a periódica, geralmente semanal, de cobertura nacional. A imprensa regional ou local em pouco é tida em vista nestas considerações.

Afigura-se que na imprensa em todo o país, há, ou um dirigismo de administração que escolhe o que convém ou não publicar, que nos comentários acusa nítido partidarismo, que narra os factos de maneira a poderem ter uma interpretação diversa da real, que do material (comunicados de os partidos lhe enviam) ou o não publica, ou o resume a seu modo, ou transcreve apenas passagens que cada periódico entende para si mais significativas; ou há conselhos redactoriais que se sobrepõem à direcção mas procedem da mesma maneira.

E de crer que muitas vezes a supressão de material fornecido se deva simplesmente a falta de espaço; que, pelo mesmo motivo, se façam resumos e extractos desse material; mas neste caso é necessário que a selecção dos textos se faça por pessoas idóneas e competentes; porque pode mesmo, e queremos crer que em muitos dos casos assim será, o jornalista encarregado da selecção agir de inteira boa-fé e extrair e seleccionar o que lhe pareça realmente fundamental; simplesmente pode não ter preparação crítica para fazer a distinção.

E acima de tudo ninguém queira ter-se por tão independente que, inconscientemente, não proceda de acordo com o seu pensamento político.

Pela falta de espaço essas selecções de textos impõem-se por certo; mas deverão ser feitas em tarefa colectiva, para que do trabalho de equipa de pessoas com modos de ver e pensar diversos venha a surgir obra aceitável.

Sabemos que há imprensa que dificilmente publica comunicados de certos partidos políticos; e, quando o faz, fá-lo em resumos truncados, tirando-lhes o sentido ou o essencial.

Vemos semanários com fumos como

isentos (embora alguns se diga enfeudados a certos partidos), que no meio da colaboração permitem, como há semanas temos, dois artigos na mesma página de puro sectarismo em que confunde o M.F.A. com um partido político, tratando-o quase insultuosamente.

Ora isto, e em época de campanha eleitoral, é que não pode nem deve ser. Para apologias políticas há então o «Povo Livre», o «Avante», a «Opinião», a «Fronteira», a «Esquerda Socialista», e «Portugal Socialista», etc., etc.

Por outro lado é preciso que a imprensa não dê a ideia de que neste país nada acontece a não ser política e desporto. Lendo-se o jornal, verifica-se que pouco há noticioso, a não ser o que envolve questões de trabalho, comícios, mesas redondas, etc., etc.; e destes acontecimentos os jornais extractam uns umas coisas, outros outras.

Ao nível da imprensa regional nota-se o mesmo erro, embora menos perigoso pela menor expansão dessa imprensa.

Ao nível da comunicação audiovisual o problema é igualmente grave.

Confiamos que o novo Ministro de Comunicação Social imponha linhas de conduta à imprensa que a sujeite a uma lisenção partidária e a que informe pluralistamente.

Não sabemos se é já da sua orientação, mas a verdade é que já vemos o que não viamos e era necessário que se soubesse: a referência concreta às campanhas da imprensa estrangeira contra nós, com um comentário esclarecedor.

O país tem de saber o que lá fora dizem dele, e porquê. Tem de conhecer as notícias estrangeiras certas e as tendenciosas e, quanto a estas, tem de conhecer a razão que as move.

A imprensa tem de certificar-se da verdade do que noticia, para não causar alarmismos, que depois vem desmentir, deixando-nos na dúvida de qual das versões era a real.

A imprensa é livre, mas tem de manter-se digna de saber ser livre.

Ela pode ser uma arma perigosíssima, porque, se mal-intencionada, com o ar mais ingénio pode arrastar a opinião pública para caminhos errados.

Ela tem sido, em certo grau, a causadora de muito comportamento errado neste país na hora em que vivemos.

26/2/1975.

VASCO LUÍS

MARMORES E GRANITOS
MÁRMORES PARA TODAS AS APLICAÇÕES

VITORINO LOPES DA CRUZ

TELEF. 920565 — M.te Lirio — ESPINHO

Novas Instalações da Oficina de Mármore — Rua 7 N.º 561

LUSITÂNIA, 26-74

AMOR - I

Joaquim Paulo não chegou a ouvir bem o doutor Ferreira de Sousa explicar aquela coisa dos Mamertinos que eram piratas da Campânia e tinham sido atacados pelo rei de Siracusa. E foi pena porque ficaria sabendo que assim começara a primeira Guerra Púnica. Naquele momento, porém, ele estava bastante mais interessado noutras coisas. Por exemplo, em que o Papá tinha ido acompanhar um doente ao Hospital Central, e, como as despesas corriam por conta do cliente, a Mamã aproveitara a ocasião para ir com ele à capital fazer compras porque o Natal se estava a aproximar. Pensava que devido a essa coincidência, na verdade muito feliz, estaria sozinho em casa durante, pelo menos, três dias. Sozinho com os irmãos mais novos. E com a Cão também. E com aquelas pernas maravilhosas de que ele tinha entrevisto a fatia que ia desde a curva do joelho até um pouco mais acima que o meio da coxa. Pernas que eram cor de alabastro e que deviam ser quentes e acolhedoras como as de uma mulher. O combate entre os pobres Mamertinos e aquele par de pernas era, pois, muito desigual e eles estavam irremediavelmente condenados à derrota. O que era bem feito. Para que diabo tinham resolvido fazer guerra a duas pernas bem talhadas no campo de batalha da imaginação de um moço de dezasseis anos?

Ele meteu os livros na pasta de couro e saiu da aula mal o contínuo tocou a sineta. Na verdade, o ar começava a faltar-lhe e sentia o peito apertar-se-lhe de ansiedade. No corredor, e só, por ser hábito, esperou pelo João com quem costumava ir para casa. Quando abandonaram o liceu e se meteram ao caminho sentiu que a tentação de contar-lhe o que se estava a passar entre si e aquelas duas pernas era muito forte, mas, ao despedir-se dele, na esquina, tinha ficado calado. Depois, deu por si voando, escadas acima, e atirando-se para a cama por sobre a colcha. Pegou num livro e tocou a campainha. Passados instantes ouviu Cão bater à porta levemente e perguntar de fora:

«Dá licença, menino?»

Ele disse, «Entra», e, fazendo que lia, sentiu-a andar e ficar plantada perto da cama. Ouviu-a:

«O menino chamou?»

«Olha, Cão», disse ele levantando os olhos do seu livro, «traz-me um copo de água, sim?» Sentia o coração bater dentro do peito.

Ela saiu e instantes depois apareceu com uma pequena bandeja onde havia um copo cheio de água.

«Chega aqui», disse ele.

Ela aproximou-se da cama e, inclinando-se, Joaquim Paulo estendeu a mão direita para segurar o copo. Deu por si a olhar bem para dentro dos olhos dela e viu-a corar. Julgou ser o momento. Tirou-lhe a bandeja da mão e pô-la sobre a mesa de cabeceira. Já não sentia as pancadas do coração e sussurrou: «Deita-te aqui ao meu lado para descansares, anda».

Era a sua primeira conquista e a técnica muito rudimentar. Ela olhou-o perturbadíssima mas mostrou-se mais agastada do que estava:

«Ora, menino, deixe-se de brincadeiras, bá...»

Ele reconheceu o erro mas voltava a tremer e insistiu:

«Anda lá, é só um bocadinho...»

Cão sabia que não podia ser demasiado severa e disse meio a rir meio a sério:

«Era o que faltava. A sua Mamã se souber há-de ficar muito contente...»

Joaquim Paulo levantou-se. Quis agarrá-la mas fê-lo tão desajeitadamente que bateu com o braço na beira da bandeja que caiu ao chão. O copo partiu-se e a água encharcou o tapete que estava ao lado da cama.

Ela aproveitou o incidente para dominar o seu embaraço. Foi à cozinha buscar um pano, depois pôs os cacos do copo na bandeja e, de joelhos, com o pano absorveu a água que estava no chão e no tapete.

«Agora que o menino partiu o copo, que hei-de dizer à Mamã?»

Ele esteve à altura da situação: «Diz-lhe que fui eu.»

Ela foi-se embora e ele voltou a deitar-se. Estava aborrecido consigo próprio mas sem razão. Joaquim Paulo tinha só perdido uma batalha, não a guerra.

E ganhou a guerra. Ao almoço, ocupando o lugar do pai, na cabeceira, não disse palavra enquanto Cão servia os seus irmãos. Antes de ir para o liceu, foi ao quarto da Mamã buscar uma chave que estava atrás do retrato da Tia Amélia, abriu com ela a segunda gaveta a contar da esquerda da cómoda do mogno, tirou uma caixa de latão onde, em letras gastas sobre a tampa, se lia *Gold Flakes*, abriu-a, tirou uma moeda, fechou-a, meteu a caixa na gaveta, fechou a gaveta e voltou a pôr a chave por trás do retrato. A vinda do liceu, passou pela Pérola do Japão e comprou um cartuchinho de bombons.

Quando chegou a casa, às cinco horas, foi pé-ante-pé, ao lavadouro onde Cão lutava contra um Everest de roupa suja. Aproximou-se por trás e roubou-lhe um beijo.

Ao voltar-se, surpreendia mas feliz, ela encontrou um cartuchinho de bombons em frente dos olhos e não fingiu que estava zangada. Ele disse:

«São para ti», e ficou por ali a conversar com toda a naturalidade até do Everest não ficar mais do que um lugar deserto no cimento. Quando, muito mais tarde, a roupa pendia na corda como bandeiras no topo dos mastros em dia de festa, ela levou muito apertado na mão húmida e jovem, um cartuchinho com bombons embrulhados em lindos papéis de prata para o quarto.

Passava da meia-noite quando ela sentiu a porta do quarto abrir-se. O coração deu um pulo lá por dentro. Ainda não tinha adormecido e na verdade esperava que o que estava a acontecer acontecesse. Mal teve tempo para se sentir feliz e receosa porque logo um corpo quente escorreu no leito ao lado do seu e um hálito cíciou-lhe no ouvido:

«Não pude dormir a pensar em ti.»

Foi um calor delicioso que aquelas palavras espalharam dentro dela, e, depois, a felicidade.

EDUARDO MATOS

O Escritor e a Sociedade

Aproxima-se o 1.º Congresso dos Escritores Portugueses, que se realizará na Sala Nobre da Biblioteca Nacional. A efectivação deste Congresso, que nos anos anteriores seria quase utópica, dará reais possibilidades ao escritor de se justificar perante o Povo para quem escreve. Estamos certos de que as conclusões tiradas deste Congresso serão fecundas para todos.

Muita gente perguntará: «Que fazem os escritores?» É evidente que escrevem. O quê (?), será tarefa que esta nossa rubrica, subordinada à sua periodicidade, se esforçará por divulgar. Para já, é prioritário esclarecer que, ao contrário do que dizem e dizem, a vida do escritor não é de ócio, nem regada de viagens espectaculares, passeios regalados, bons vinhos e melhores comidas.

O escritor, integrado na sociedade capitalista, tem os seus problemas e anseios, os quais em pouco divergem dos demais trabalhadores. Porém, ser escritor exclusivamente, não é profissão, pois, por muito estranho que seja, neste País, os escritores não usufruem de quaisquer regalias sociais.

Hoje como ontem, os escritores são alvos de injustificados ataques e calúnias, difundidos por «intelectuais de pressão». Esses pretenciosos intelectuais desconhecem ou preferem desconhecer, a repressão fascista imposta aos criadores literários e às suas obras. Obrigatoriamente, reconhecemos que esses «intelectualóides» sofrem psiquicamente de um grande mal: infantilidade. Supomos que os leitores têm ouvido palavras provocatórias como «cultura burguesa», «comerciantes de letras», etc. Aos seus autores e propagandistas que, lamentavelmente, encontramos em várias opiniões políticas, apenas respondemos com um conhecido provérbio: «santos de casa não fazem milagres». É verdade que tanto o escritor como a sua obra estiveram divorciados, parcialmente, das massas desfavorecidas. Urge referir que isso deve-se:

1. Aos processos instaurados aos escritores e consequentes prisões pelo pilar do fascismo, PIDE-DGS.

2. A criminoso acção da censura-Exame prévio, que além de alterar as obras literárias, desvalorizando-as, também proibia na totalidade centenas delas.

3. Ao encerramento de Editoras cujas publicações, pelo seu preço, se dirigiam às massas populares.

4. Ao elevado custo das edições, como instrumento do engrandecimento e enriquecimento de algumas Editoras.

5. As barreiras intransponíveis que foram colocadas aos jovens escritores.

Note-se ainda, a luta dos escritores pela formação de um Sindicato ou Ordem, que ainda hoje continua, pela preservação da Sociedade Portuguesa de Escritores, selada pela PIDE em 1965, pela fundação da Associação Portuguesa de Escritores, em fins de 1973.

Ninguém, inevitavelmente, beneficiou de toda esta acção repressiva do sistema fascista. Foi nascendo nos escritores e nos leitores uma profunda revolta que depressa se manifestaria na recusa de livros de escritores «oficiais», ou comprometidos com o sistema vigente, e pelo início de actividades associativas e clandestinas no seio do ensino. Os escritores jovens, particularmente nos últimos anos, não tiveram nem têm oportunidade de publicar as suas obras. As editoras, profundamente adocidas pela constante de nomes conhecidos nos meios literários, repelem a literatura jovem, obrigando-a a apodrecer no fundo das gavetas ou a amontoar-se no cesto dos papéis. Refira-se, ainda o caso de livros iguais serem publicados por editoras diferentes, o que vem agravar o mercado do livro.

Terminada a escravatura dos escritores e dos escritos, aqueles, imediatamente após o 25 de Abril, promoveram as Associações de Intercâmbio cultural com os povos socialistas. Estas Associações terão grande importância para valorizar os escritores e o Povo Português. O contacto com a literatura socialista será relevante para a compreensão das necessidades populares. É a que reside o fulcro da literatura que agora se propõe criar, dando também continuidade àquela que durante a ditadura salazarista-caetanista teve a ousadia de se erguer contra o capitalismo e o fascismo. É essa literatura, vinda do meio do Povo e conducente ao Povo, que esperamos seja decidida no Congresso.

MANUEL LOPES

IMPRESA REACCIONÁRIA

Apareceu à venda mais um jornal: O Heraldo, com sede no Porto, sendo seu director Enes Baganha. Como finalidade primeira diz-se «órgão de apoio ao comércio e indústria, comércio externo». Efectivamente o Heraldo traz-nos algumas indicações sobre feiras internacionais, financiamentos e fiscalidade. Mas, surpreendentes, o facto de o Heraldo, lembrando um tímido Bandarra, já extinto, dedicar a maior parte das suas páginas à política. Debrucemo-nos pois sobre alguns pormenores. Num apelo aos transmontanos, aproveita o Heraldo para dar uma sapatada nos militares que efectuaram, em Trás-os-Montes, a operação Nortada, nomeadamente num «Sr. Capitão» (porquê a não inclusão do nome do «Sr. Capitão?») e nalguns jornalistas que ali se deslocaram; repudia o Heraldo as afirmações feitas, quer por militares quer por redactores da Imprensa nacional, no que se refere à despolitização do bom povo transmontano e a outros factos por lá passados.

Também num artigo subscrito por «Um pároco de aldeia» se acusa, ainda que veladamente, os intervenientes nas Campanhas de Alfabetização que, generosamente, se prontificaram a levar um ar de cultura ao massacrado povo transmontano. Desmente «Um pároco de aldeia, que a maioria do clero em Trás-os-Montes é reaccionário, antes enaltece a acção evangélica dos padres daquela zona. Não duvidamos que existem em Trás-os-Montes padres íntegros e progressistas, mas a verdade é que o progressismo não é a nota dominante do clero transmontano.

Destaca também o Heraldo as pro-

cupações do Conselho da Europa pela desordem havida em Portugal (Porto) quando do «malogrado» Congresso do CDS. Preocupar-se-á o Heraldo com o anti-socialismo e o anticomunismo que os partidos direitistas, entre os quais o CDS, propagam pelo País? Defende as manobras da NATO com vigorosidade, aproveitando para criticar as esquerdas portuguesas sobre a posição, correcta, que estas assumiram durante a efectivação daqueles exercícios da NATO.

No entanto, o ponto quente deste n.º 3 do Heraldo, a que nos temos vindo a reportar, é uma carta aberta ao Presidente Costa Gomes, escrita pelo conhecido reaccionário brasileiro Carlos Lacerda, grande amigo de Salazar e ex-governador do Estado de Guanabara, adversário acérrimo de Goulart e Jânio Quadros. Nessa carta aberta, também publicada noutro semanário, manifesta-se violentamente Carlos Lacerda contra o actual regime democrático em que se vive em Portugal após o 25 de Abril, penalizando-se pela prisão dos Pides e sabotadores da economia portuguesa, além de agitar com espalhamento o espantoso do anticomunismo, criticando sem reservas os oficiais progressistas e o Governo Provisório.

A campanha eleitoral aproxima-se. A reacção, recomposta do 28 de Setembro, levanta a cabeça e lança os seus jornais, onde o Heraldo parece se enquadrar. Exortamos os nossos leitores e o povo em geral para estar atentos a estes assalariados do capitalismo e do reaccionarismo. Alerta, pois.

J. P.

TELE-ROCHA

Rua 31 n.º 469

Telef. 920325-977

Importador Electrodomésticos EDESA

BOSCH — KREFFT — ARISTON

RÁDIO E T.V.: BLAUPUNKT — LOEWE-OPTA

INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS

CANALIZAÇÕES

CARTUCHOS COM MÚSICA 80\$00

CASSETES COM MÚSICA 60\$00

TÉCNICOS ELECTRÓNICA E ELECTRODOMÉSTICOS

MÓVEIS • ALCATIFAS

PESSOAL PERMANENTE PARA ASSISTENCIA



O máximo em qualidade!

Do melhor em apresentação!

O bom gosto e eficiência, são atributos do relógio «CAMY», a mais preciosa das jóias

Está na hora de acertar: compre «CAMY!»

1.º Cartório Notarial da Feira **Faz-me rir o que andam dizendo...**

1.º Cartório da Secretaria Notarial da Feira a cargo do notário licenciado **Alfredo Bosch da Graça**

Certifico que por escritura de 16 de Dezembro de 1974, exarada de fls. 70 v. a 72 v., do livro B-1009, de escrituras diversas, do 1.º Cartório da Secretaria Notarial da Feira, a cargo do notário licenciado Alfredo Bosch da Graça, foi constituída entre António da Rocha Bernardes, e Ana Maria Maia Brandão e José Pereira Guedes, da freguesia de Paramos, da cidade de Espinho, uma sociedade comercial por quotas, com sede na referida freguesia de Paramos, sob a firma «Rocha Bernardes, Lda», nos termos constantes dos artigos seguintes:

1.º

A sociedade adopta a firma «Rocha Bernardes, Limitada», tem a sua sede e estabelecimento no lugar do Monte, da freguesia de Paramos, concelho de Espinho, e durará por tempo indeterminado, a contar do dia 1 de Janeiro de 1975; mediante deliberação tomada em assembleia geral, poderá a sociedade abrir filiais ou sucursais em qualquer ponto do território nacional.

2.º

Constitui seu objecto o exercício da indústria de tapeçarias e seus congêneres, podendo dedicar-se a qualquer outro ramo industrial ou comercial em que os sócios assentem em assembleia geral.

3.º

O capital social é de 1 500 000\$00; divide-se em 3 quotas, sendo uma de 900 000\$00, do sócio António da Rocha Bernardes, uma de 450 000\$00, da sócia Ana Maria Brandão e uma de 150 000\$00, do sócio José Pereira Guedes.

4.º

Poderão ser exigidas aos sócios prestações suplementares de capital, mediante deliberação, por unanimidade dos sócios, tomada em assembleia geral.

5.º

A gerência, dispensada de caução, e com remuneração ou sem ela, conforme for deliberado em assembleia geral, fica afectada aos sócios António da Rocha Bernardes e Ana Maria Maia Brandão, para obrigar a sociedade em todos e quaisquer contratos em que ela intervenha, tanto activa como passivamente.

§ primeiro — Os gerentes António e Maria, separadamente, poderão delegar os seus poderes de gerência, no todo ou em parte, no seu consócio José, valendo a assinatura deste, naquilo que assinar, o mesmo que valeria a assinatura do respectivo mandante, como é óbvio.

§ segundo — O gerente António, em nome da sociedade, fica autorizado a praticar quaisquer actos que constituam

negócio consigo mesmo; e fica autorizado a exercer por si ou associado qualquer actividade que constitua o objecto social; para que em relação aos demais sócios isso possa acontecer, é necessária a concordância dos demais sócios, tomada em assembleia geral, com o mínimo de 75 % de votos.

6.º

Os sócios António e Ana Maria ficam desde já autorizados a ceder as suas quotas, no todo ou em parte, a quem quiserem e por qualquer forma e a fazer as correlativas divisões; quanto ao sócio José, a cessão, no todo ou em parte, e a correlativa divisão, ficam dependentes do consentimento da sociedade que se reserva o direito de preferência.

7.º

A amortização de quotas será permitida: a) no caso de divórcio ou separação judicial do seu titular; b) no caso de penhora, arresto, arrematação, adjudicação ou venda judicial; c) no caso de qualquer sócio prejudicar gravemente a sociedade; d) por morte, interdição, falência ou insolvência do respectivo titular.

8.º

No caso de falecimento ou interdição de qualquer dos sócios, os herdeiros ou representantes poderão continuar, se lhes for consentido, ou apartar-se da sociedade; no primeiro caso, nomearão um, de entre si, que a todos represente na sociedade; no segundo caso ser-lhes-á pago, mediante balanço, adrede organizado, o que se averiguar pertencer-lhes de quota e outros valores na sociedade, em 3 prestações anuais e iguais, acrescidas do juro à Taxa do Banco de Portugal e mais 2 %, salvo o direito de antecipação.

9.º

A sociedade dissolver-se-á pela simples vontade de qualquer sócio e de um modo especial pela do sócio António.

10.º

Anualmente e com data de 31 de Dezembro, como é óbvio, será dado um balanço; dos lucros líquidos será retirada a percentagem que for necessária para fundo de reserva legal e qualquer outra percentagem para integração de fundos especiais que a sociedade resolva criar.

11.º

As assembleias gerais, salvos os casos previstos na lei, serão convocadas por meio de carta registada, dirigida aos sócios, com aviso de recepção e antecedência mínima de 5 dias.

Está conforme.

Feira, 22 de Janeiro de 1975.

O Ajudante da Secretaria,

José Soares de Amorim

Faz-me rir o que andam dizendo...

(Continuação da página 7)

aspectos legais de eleição. Pois os meus parabéns no que respeita ao conhecimento geral dos estatutos do nosso clube! Congratulo-me com tal facto, já que muito honestamente tenho de dar a mão à palmatória... mostrei ser leigo em tal matéria.

Mas, e quando aparece o mas é o diabo nestas coisas, já a sua como também a dos outros senhores esclarecidos nestas coisas de ilegalidades, no deram continuidade à sua boa vontade de princípio recto em tudo da vida, pois permitiram que se criasse uma Comissão Administrativa dentro do clube, quando isso é ilegal. Permitiram que se procedesse a um acto eleitoral na irregularidade já que a própria assembleia o era na ocasião. Onde esteve a assembleia ordinária a alterar a data prevista daquela onde se iria realizar o acto eleitoral? Houve isso sim, por causa do diferendo Aveiro-Porto, um aviso de que ficaria para o dia 31, em vez de 15/1/75. Note-se, que isto se passou numa assembleia geral-extraordinária e não numa or-

dinária. Quando foram expedidos os postais-convocatórias para o acto eleitoral? Com que prazo?

Todas estas irregularidades lhes passaram, a si e a mais alguém interessados na tal legalidade. A mim, nem aos meus colegas passou em claro tal facto. No entanto ele não foi posto em questão pois não nos interessava mais impasses criados pelas legalidades e boas intenções. Quem tinha interesses partidários?

Quando as pessoas escrevem sem se munirem de dados concretos, pelo bel-prazer de escrever, ou dando ouvidos às tais vozes, cai-se no ridículo. Nem que o contrário sucedesse, seria bom que futuramente não caísse em artigos compilados e escondidas as palavras entre-as-aspas. É que dá a ideia que estamos a ler coisas que poderão ter a interpretação que se lhe quiser dar. Falemos claro, futuramente.

E quando as pessoas assim não procedem, dá mesmo vontade de dizer:

— Ora bolas!

MARÇAL DUARTE

GENTIL GOMES DA COSTA

PROPRIEDADES COMPRA · VENDA

Rua Fernandes Tomás, 664
Telefs. 380834 · 311991 · 381032
PORTO



FÁBRICA

HERCULES

de AFONSO HENRIQUES, SUCRS. LDA

INDÚSTRIA TRANSFORMADORA

MATÉRIAS PLÁSTICAS

(Injecção — Compressão — Extorsão)
(Insuflação — Rotação — Vácuo)

ENDEREÇO TELEGRÁFICO: HERCULES

TELEFONES: 920540 - 921096

APARTADO: 40

ESPINHO

“HERCULES”

GARANTIA de FABRICO e QUALIDADE



Restaurante
Snack — Discoteca
CABANA

TEL.

SALÃO DE FESTAS E SERVIÇO especial para Baptizados, Casamentos e Confraternizações.

Na Discoteca

Aos domingos — Matinée

Encerrado à terça-feira para descanso do pessoal

PINTURARTE

Tecnicamente especializado em todo o género de Pintura Artística, Móveis de Adorno e todo o género de objectos de decoração.

Armando Alves Ribeiro

Desenhador — Pintor de Arte

Rua 18, n.º 943

— ESPINHO —

Telefone, 921412

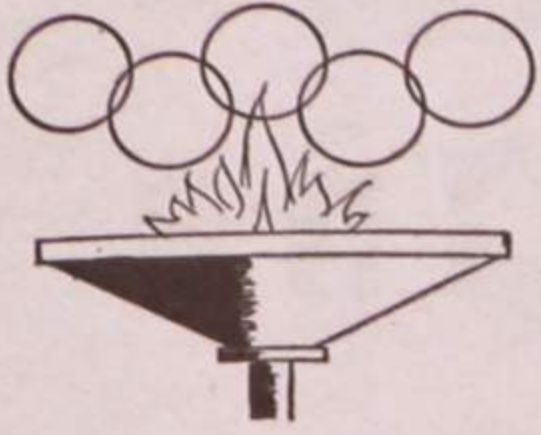
Alcatifas, carpetes, tapetes nacionais, e estrangeiras

Tapetes para automóveis

AQUILES PINTO LOUREIRO

Rua 22 n.º 1190-1192 — Telefs.: Fab. 922171 — Resid. 921556

ESPINHO



desporto



AO CORRER DA PENA

O Sp. de Espinho-Futebol Clube Porto, em voleibol, levou muita gente ao Pavilhão «Joaquim Moreira da Costa Jr.». Sem contestação o triunfo portista, uma equipa com outro fundo técnico, tático e físico. Três-a-zero, os espinhenses longe dos «velhos bons tempos», deram réplica até onde puderam. Há matéria-prima para trabalhar, todavia ficou-nos a impressão de que será difícil atingir a projecção antiga a curto prazo. De resto, também nos pareceu existir deficiências na preparação do conjunto, como a falta duma orientação virada para o futuro.

Uma certeza: em Espinho, o voleibol encontrará sempre bons praticantes, embora nem sempre seja possível a projecção desejada.

★

O nosso amigo Eng. Manuel Boia deve andar desnordeado. Escrevo este apontamento no domingo à noite. No «Jornal de Notícias» desse dia, vem uma local que vale a pena transcrever-lhes na íntegra:

Académica de Espinho:

por decidir a sua filiação

«Continua em equação o problema da filiação da Académica de Espinho que pretende desligar-se da Associação de Patinagem de Aveiro e filiar-se na Associação do Porto.

Por informação que nos foi prestada pelo sr. Manuel Bóia, presidente do organismo aveirense, soubemos ter-se realizado na passada sexta-feira (dia 21), uma reunião da Direcção da A. P. de Aveiro com o secretário de Estado dos Desportos. Ficou marcada para a próxima quarta-feira uma nova reunião com aquele membro do Governo, desta vez com a representação de todos os clubes aveirenses praticantes do hóquei em patins, incluindo, necessariamente a Académica de Espinho.»

De tarar! Um mimo!

Continua em equação? Uma oval Então a decisão da assembleia geral da Académica de Espinho? Sede em Gaia (há-de-se inaugurar-la com foguetes, fotografias, música e tudo), distrito do Porto e agarram às botas à Académica. Foi uma decisão democrática, aclamada por unanimidade, duma massa associativa «una e indivisível»!

Esqueceu-se disso o nosso amigo Manuel Bóia! Ou faz de conta?

Depois, ainda aquela poesia de que a AAE pretende desligar-se da Associação de Patinagem de Aveiro! Para se desligar, era preciso ter estado ligada. Felizmente nunca aconteceu.

Por fim, ainda estava à espera da decisão do Secretário de Estado dos Desportos. Como? Então, acredita-se que o alto dirigente, após ter avalizado (pessoalmente, em Lisboa, aos dirigentes da AAE) a certeza de que o clube ficava até 1976 no Porto (pelo menos), iria dar o dito por não dito?

É de lamentar, mas se saber perder é dos bons desportistas, o nosso amigo Manuel Bóia tem muito mau perder! E não parecia!

★

Numa informal e saborosa conversa de amigos, soubemos da boca do actual presidente da direcção da Acad. de Espinho, o ainda jovem, mas dinâmico e esclarecido Jorge Monteiro, que, também ele, como nós, não é apologista dos festivais desportivos com entradas pagas, a cearear, desde logo, a comparação de muitos jovens que devem ser chamados ao desporto através de motivações daquele jaez.

Compreendemos, ambos, a necessidade das secções angariarem fundos, todavia aquele não é, não pode nem deve ser, o caminho aconselhado, por contraproducente e errado em face das coordenadas em que hoje se deseja meter o desporto.

Não estranhemos nada se os festivais para a juventude continuarem na AAE e a entrada passe a ser franca a todos os jovens, sem a segregação material! E assim é que estará certo!

CARLOS SARRIA

FUTEBOL

FUTEBOL — «NACIONAL» DA I DIVISÃO

CUF, 4 — SP. DE ESPINHO, 0
(ao intervalo: 2-0)

MAIS UMA ESPERANÇA BALDADA!

No «Estádio Alfredo da Silva», no Lavradio-Barreiro, com o árbitro lisboeta CARLOS DINIS a dirigir, auxiliado por Orlando de Sousa (bancada) e Carlos Freire (peão), perante pouca assistência, as turmas formaram:

CUF — Conhé; Quaresma, Castro, Vítor Marques e Castro; João Pedro, Vítor Pereira (Vicente, 73 m.) e Arnaldo (cap.); Manuel Fernandes (Capitão-Mór, 80 m.), Leitão e Eduardo.

SP. DE ESPINHO — Arménio; Meireles (cap.), Washington (Gonçalves, 45 m.), Valdemar e Ribelinho; Ferreira da Costa, Bené e João Carlos (Augusto, 45 m.); Gaúcho, Telé e Malagueta.

Cartão amarelo: Valdemar.

Golos: aos 14 m. — Cruza raso Manuel Fernandes, falhou Valdemar, Leitão desaproveita, mas EDUARDO à boca da baliza não perdoa; aos 37 m. — Cruza Eduardo, emenda Arnaldo de cabeça, Arménio não conjura o perigo e MANUEL FERNANDES aponta fácil para as redes vazias; aos 49 m. — Centrou Leitão, Eduardo aparece, faz que remata, deixa seguir a bola, Ribelinho e Arménio não a detêm e ARNALDO, remata para a baliza livre; aos 72 m. — EDUARDO passa a bola a um colega, um defesa espinhense intercepta, ela volta ao cufista, ele arranca com o terreno livre para a baliza e faz um «chapéu» a Arménio.

VOLEIBOL

Fase Final dos Campeonatos Regionais

JUVENIS:

A.A.E., 3 — ESMORIZ, 0 (15-6), (15-9), (15-5)

A.A.E. — Serrano, A. Pinto, Paulino, Paupério, Manecas, Batista, Chico, C. Rui e Barra.

Um jogo que não teve história dada a superioridade flagrante da Académica. Só quem não viu poderá estranhar o resultado.

INICIADOS:

ESMORIZ, 3 — A.A.E., 2 (15-5), (6-15), (13-15), (15-4), (15-13)

A.A.E. — Jorge, Maltês, Fidalgo, Toni, Lacerda, Rogério, Orlando, Sárria, A. Manuel, R. Almeida, Ricardo e Duarte.

Jogo bem disputado em que a Académica atacou bem, mas defendeu muito abaixo do seu habitual. A vitória final premiou a equipa mais feliz.

Campeonatos Nacionais da II Divisão

SENIORES MASCULINOS:

A.A.E., 1 — MADALENA, 3

A.A.E. — Melo, Matos, Fausto, Figueiredo, Adriano, Monteiro, Aragão e Rodrigues.

Jogo de fraco nível técnico com vitória da equipa menos má. A Académica desiludiu em relação às últimas exhibições realizadas.

FEMININO:

A.A.E., 0 — VILA REAL, 3 (2-15), (3-15), 6-15)

A.A.E. — Amélia, Tucha, Nandá, Mira, Dina, Paula, Lurdes e Filomena.

Vitória certa e esperada das atletas

FAZ-ME RIR O QUE ANDAM DIZENDO...

Passados que foram os momentos, melhor dizendo, as semanas de polémica levantada à volta do acto eleitoral dos corpos gerentes da A.A.E., venho à presença das colunas do jornal da nossa cidade, solicitando a melhor atenção e publicação da carta que se segue, como ex-componente de uma lista apresentada para o acto acima referido e em resposta a dois artigos que aponto de inconvenientes, inoportunos, pela sua falsidade, e o que para mim será de mais importante, de falta de responsabilidade do articulista, v/ colaborador, como a seguir clarificarei.

Assim e como me considero pessoa responsável, quero esclarecer o autor dos artigos, de que, aquando da elaboração da minha lista houve a preocupação de contactar directamente os seus futuros componentes, e, posteriormente, uma reunião, que se fez, a fim de assentar ideias quanto ao nosso trabalho integrado dentro de um programa previamente elaborado. Como se conclui, houve um princípio honesto para a apresentação às eleições desta lista. Não houve preocupação em conseguir nomes conhecidos no meio cidadão, mas sim, identificados no meio académico como SEMPRE ÚTEIS à A.A.E., pelas provas dadas ao decorrer dos tempos.

Seria esta lista que estava cheia de sofismas para intrometer no seio do clube um cunho político e partidário? Seria esta lista que via na A.A.E. um terreno ideal para uma sementeira política? Era esta mesma lista, encabeçada por mim, que tinha facção política e da qual o articulista põe em causa, em santo nome da sã democracia, de com abertura, franqueza, lealdade, confessar a realidade das intenções, atitudes e actos?

Pois amigo, se é que o é, Sr. Carlos Sárria, venho aqui, em público, perguntar-

-lhe muito abertamente, quem é o senhor para me pôr em questão, relacionado com todas essas dúvidas. Bastaria para isso auscultar a opinião pública, que nos identifica quem perante o clube. Quem esteve ao longo dos tempos e está mais identificado como mais válido, dentro do melhor servir?

Era eu, como servidor do clube, que sempre fui e continuarei a ser, até me dizerem o contrário, excluindo eu a sua opinião, que me iria servir da A.A.E., com sofisma, para atingir certos e determinados fins! É em mim que põe a dúvida da tal franqueza e lealdade para com o mesmo clubel! Fui eu que, com a minha boa fé não possibilitei uma coligação entre duas listas, já que o fito era servir o clubel!

Foi a própria Assembleia, Sr. Carlos Sárria, não fui eu. Aliás, e no interesse de o esclarecer já que o não está ou não quis mostrar o contrário, devo acrescentar que no próprio dia da assembleia (2.ª semana), houve uma coligação como referi e que após votação dos elementos das referidas listas, se formou uma só. Simplesmente, e já que não percebeu, esclareço que esta lista de coligação deveria ser presente à Assembleia por uma proposta da Direcção cessante, para que se não criasse outra situação de impasse, o que não veio a suceder em virtude de se ter levantado a questão, depois de as duas listas se terem retirado, que uma delas tinha estado representada por mais 2 elementos em relação à outra. Devo esclarecer que dessa lista de coligação, após votação, só um nome da minha lista foi substituído e esse era o que de facto não estava em condições de elegibilidade!

A coligação não apareceu por motivos alheios ao conhecimento e vontade dos votantes das duas listas e posteriormente dado conhecimento pelo presidente da direcção cessante, como todos ouviram.

Isto, no que respeita ao primeiro artigo da D.E. em 8 do corrente.

Na D.E. de 22/2, volta o responsável pelo artigo à carga, passe o termo, dizendo que eu numa condescendência amável da assembleia, argumentei com um blá-blá confuso, suportando essa mesma assembleia quase 45 minutos uma pretensa defesa-esclarecimento, no tempo destinado a assuntos de interesse para a Colectividade.

De facto, só para o senhor é que foi preciso tal esclarecimento, pois me pareceu o mais necessitado dele. Vivemos numa época em que pretendemos ser democratas e como tal, devemos todos esclarecer os menos esclarecidos. Como se eu ou alguém da minha lista necessitásemos de presidências dentro do clube, para daí tirar os proveitos que se pudessem colher... Posso adiantar que se não estou na Direcção actual foi só pelo facto de, em certa medida, e com as devidas desculpas a alguns elementos, com efeito não podia de forma alguma acreditar em todos, já que algo se tinha passado em relação a outra lista. Se a minha lista era composta por elementos contactados um a um, já o mesmo não sucedeu na outra. Assim, posso apresentar como exemplos, o de Tesoureiro, que embora contactado, disse logo não poder aceitar por motivos de ordem profissional. Vogal e suplente, desconheciam a sua inclusão na lista.

Quem quis fazer luta partidária de poder? Quem esteve interessado na facção política? A minha lista que foi feita com honestidade e movida única e exclusivamente pelo interesse de bem servir, ou a outra que se veio contrapor?

De resto, alguns elementos, e o senhor também, preocuparam-se muito com

(Continua na página 6)

Hóquei em Campo

Campeonato Regional de Honra

VIGOROSA, 1 — A.A.E., 0

A.A.E. — Jorge, Alexandre, Albano, Amaro, Vieira, Amílcar, Raimundo, Casimiro, M. Azevedo, Meneses e Adérito. — Suplentes: Catarino, Dias.

Jogo em que a vitória parecia favorável à equipa da Académica, em virtude da segunda volta que vinha a realizar mas o que não aconteceu devido à falta de um jogador chave no sector atacante. Ainda de salientar que o golo adversário foi facilitado por um enorme «frango» do nosso guarda-redes.

ANDEBOL DE SETE

«Nacional» — II Divisão — Zona Norte (Seniores)

S.C.E., 28 — OVARENSE, 18
S.C.E., 17 — BAIRRO LATINO, 21

Apesar da derrota no segundo jogo, os espinhenses saíram-se CAMPEÕES DA ZONA NORTE, com 10 jogos e 25 pontos e vão disputar a fase final.

Em Juniores, o S.C.E. recebeu e perdeu com o Bairro Latino por 13-15, para o «nacional» (zona norte) respectivo.

de Vila Real, num jogo em que a sua superioridade nunca esteve em causa, pelo que continuaram invictas no referido campeonato.

I Divisão «Nacional» (Seniores)

S.C.E., 0 — F. C. PORTO, 3

II Divisão «Nacional» (feminino)

S.C.E., 3 — FIAES, 0

«Regional» (Juniores) do Porto

S.C.E., 3 — AC. DE COIMBRA, 0

«Regional» (Juvenis) do Porto

GUEIFÕES, 1 — S.C.E., 3

«Regional» (Iniciados) do Porto

LEIXÕES — S.C.E., foi adiado devido ao mau tempo.

Você interessa-se pela coisa?

A filmalhada-porno invadiu o cantinho à beira-mar. Os indígenas, habituados a «Pátios das Cantigas», «Rosas do Adro» e filmes estrangeiros mutilados (não de guerra, mas de Censura), puxaram os cordões à bolsa, enfiaram-se nos Cinemas tão frequentemente quanto o filme prometia cenas de constituir família, arregalaram os olhos gulosos e abriram a boca até aos pés.

Desde o «Último Tango» até agora, a escalada-sexy aumentou. Hoje, «o da manteiga» é quase como a «Branca de neve e os 7 anões» se o compararmos com «Pecados inconfessáveis», «Sexos Loucos» ou «Coisas». O que vale é que, mais dia menos dia, a malta enoja e quem se trama são Castellos Lopes e outros a quem seca a mama...

Mas enquanto a coisa dura, lá encheu o Cinema do Casino 6-Dias-6 só porque um fabiano francês se lembrou de perguntar: «Você interessa-se pela coisa?» A malta interessou-se. Oh! se interessou...

Pensávamos recolher opiniões de alguns espectadores. Mas como no dia em que tínhamos decidido fazê-lo, estava frio à balda e caía uma chuva que molhava até ao esqueleto, vai daí, ligámos o aquecedor da Redacção (sim, também temos disso), e, entre duas cigarradas prá sossega, INVENTAMOS AS ENTREVISTAS!!! «Ouvimos» vários tipos de gente. Se os leitores quiserem perder tempo a ler, aí vai o que «eles» nos «disseram», depois de ver o «Você interessa-se pela coisa?»

O TARADO SEXUAL (passando repetidas vezes a língua pelos beiços carnudos, babando-se abundantemente, com o corpo sacudido por frenéticos abanões).

«Uuuuuuu... Arf! Arf!... a gaja... a gaja... llllllllll... é o fim da macacada!... Oh, amigo, o melhor é pôr-se na alheta... Arf! Arf!... a gaja!...»

A SENHORA SEM CAMA CERTA (mostrando-se circunspecta e com ar de pessoa séria).

«Parece impossível! A nós nunca nos puseram um Cinema à disposição! Isto é concorrência desleal!!!» (virando-se para um cavalheiro que ia a passar) «Oh, simpático! Vai um «tirinho»?»

O INTELLECTUALÓIDE.

«Bem... após uma exaustiva análise (é a 13.^a vez que vejo o filme) posso exaurir, dentro dos exíguos parâmetros duma cultura severamente eutanasiada, a opinião de que... pois... quer dizer... a conjuntura actual, na medida em que... portanto... as infra-estruturas estão espartilhadas, leva-me a conjecturar como sendo esta película algo que é palpável, bastante palpável... sobretudo a Nathalie Delon (riso cínico)».

O PURITANO (corado).

«Deus me livre! Nunca vi tal! Já não há respeito!!! Porcos... bandalhos... que rebaixolice! Se tivessem vergonha na cara! Estou varado!!! (retira-se apressadamente em direcção à nossa segunda entrevistada — vidé supra).

O FUTEBOLISTA.

«É porreiros! A gaja... faxavôr!!! Amanda-me cá uma táctica 4-2-4! Estou como o outro — vai buscar no fundo! Amanhã tenho treino, mas que se lixe! Estou cá como um ferrinho... »

O REACCIONÁRIO.

«Olhe, amigo... já não há respeito! Os valores morais da sociedade estão subvertidos! Deram liberdade a mais... o povo não estava preparado... agora é isto! Não admira que haja por aí tanta desgraça! Há lá filme que chegue ao «Noivo das Caldas» ou ao «Capas Negras»? (e retirou-se, tateando o «Oh, tempol volta pra trás»).

O VELHOTE.

«Um gajo que não goste disto, ou é fascista ou então... não sei! Isto faz levantar um morto. E pensava eu que estava acabado para a vida artística! (chupa na beata ao canto da boca e tosse convulsivamente). Esta mocidade é que parece que não dá muito valor a estas coisas... Não é que isto fosse grande novidade para mim, porque no meu tempo... oh! oh!...» (e como se preparava para contar a sua história desde pequenino, deixámo-lo a falar sozinho).

A SOLTEIRONA.

«Ai, eu cá gostei! A artista trabalha muito bem. Ele também vai bem e é uma bonita figura. É cá um pedaço de homem! lhl lhl lhl Tinha cenas muito interessantes e com muita naturalidade. Olhe, aquela cena no meio das vinhas é de muito bonito efeito, assim, no meio da Natureza... Eu cá gostei do filme.»

O CRÍTICO DE CINEMA.

«Bom, não será propriamente um filme de tese... mas para lá caminha! A montagem é perfeita e muito frequente (esgar cínico). Banda sonora??? Tem piada que nem liguei muito a isso... Admirei muito o «self-control» do realizador e do «cameraman»... O colorido? Ai, era a cores???!!! O desempenho é muito realista. Mas, olhe, eu fui apanhado assim de surpresa... leia amanhã a minha crítica no jornal...» (Lemos. Não se pode dizer pior...)

O TIPO COM A MANIA DOS TROCADILHOS.

«Que goa baja! Um feço do canilmel!!! E que mar de pamas!!! Vou já beber uma canje de cerveca pra sossaver do cadegal! Adigo, ameus...»

O LARILAS.

«É a mim que querem entrevistar??? Ai, que simpáticos!!! Ai, o que penso do filme? Antes de mais, sabem, eu interesse-me pela coisa!!! lhl lhl lhl Estão-se a rir? Tolos! Bem, o filme é jeitoso... O articulista é um borrachinho... giro, giro, giro! Gostei muito de vê-lo, mas o Marlon Brando é outra loiça... não sei... talvez seja por eu ter visto o «Último Tango»! Não querem fazer mais perguntas??? Castigadores! Mauzões...»

(Fugimos. Antes que fosse tarde.)

Cinema



CINEMA AO SERVIÇO DE QUEM?

Certamente já algumas pessoas se interrogaram acerca da afluência que cá em Espinho tem tido um certo tipo de filmes. Afluência esta que tem provocado um aumento do número de sessões, quando tal raramente se verificava.

Não é a primeira vez que este jornal foca o assunto, no entanto afigura-se-nos de certa importância voltar a ele e tentar aprofundar um certo número de questões.

Se por um lado se pode pôr a questão de saber se será por este meio (jornal) que se irá alterar toda uma maneira de pensar e agir, também não é menos certo que actualmente dificilmente haverá meios (as pessoas que o poderiam fazer têm preocupações mais urgentes e as instituições, como escolas, clubes recreativos, associações, etc., não o têm feito, por falta de meios ou outras razões) capazes de alterar tal situação, pois quando se mudar algo terá de ser de base e em massa e não num pequeno número de leitores ou de assistentes de debates.

Em primeiro lugar uma pergunta se impõe antes de tentarmos compreender porque é que filmes vulgarmente classificados de violência, amor, pornografia, numa palavra comerciais, chama tanta gente: Será que essas centenas de pessoas não se aperceberão do logro e da manipulação a que estão a ser sujeitas?

É evidente que a resposta é negativa e mais grave do que isso é que muitas vezes escondem as verdadeiras razões porque o fazem, escondendo-se com argumentos do género: «o filme vem rotulado de bastante bom e quero aproveitar», «no é por ser de sexo que eu venho cá. Não há razão especial», «bem quero vê-lo novamente. Tem uma boa história e um final interessante. Merece ser visto por homens e mulheres. Aconselho-o vivamente», quando as razões são bem outras.

Com isto queremos dizer que se nota uma incapacidade das pessoas em tomarem consciência e em serem responsáveis pelas suas atitudes e em não quererem mostrar aquilo que na realidade são e querem (neste caso ver).

Por culpa de quem?

A maioria das vezes não delas.

Ora, num sistema económico em que os meios de produção estão nas mãos de uma minoria, a vida económica de uma sociedade é regida pelos interesses desta classe, que orienta a produção no sentido de obter o maior volume possível de lucros. A propriedade jurídica e real dos meios de produção concentram-se na classe capitalista, vendo-se a maioria da população a vender a sua força de trabalho para conseguir sobreviver. Estamos face a duas classes básicas, a dois grupos sociais antagónicos. Por um lado os exploradores, por outro, os explorados.

É a classe que beneficia desta posse, vai fazer todos os esforços para perpetuar a sua situação, tentando por todos os meios, influenciar, pressionar as pessoas, cortar-lhes a iniciativa, afim de evitar uma radical transformação do sistema. O lucro é o objectivo final e principal! Será este que determina os bens a produzir, os preços a estabelecer no mercado, os salários a pagar, isto é, o lucro é o motor

da sociedade. Não interessa que a maioria das pessoas vivam em condições de vida infra-humanas, que nações inteiras sejam manipuladas de acordo com os interesses duma classe privilegiada, nem que para isso seja preciso criar organizações policiais que vigiem, que defendam as aspirações dos pretensos donos do mundo.

Então para continuarem a receber os chorudos lucros é preciso ter o poder político nas mãos, é altamente necessário manipular a mente das pessoas.

É aqui que encontramos o papel dos meios de comunicação da cultura, dirigidos pela classe dominante.

E o cinema, como um meio de comunicação poderoso vai servir estes interesses. É preciso desviar as pessoas dos seus problemas, afastá-las das situações concretas de exploração que as rodeia.

A indústria cinematográfica, por consequência, larga no mercado uma série de filmes que vão servir os objectivos acima apontados. Apoiado numa poderosa máquina publicitária, vão-se usar temas aliantes, êxitos certos de bilheteira.

Como?

Aproveitando a conturbada situação política e económica mundial isto é, usando-se da situação de desespero criada pela crise do capitalismo, as grandes potências ocidentais aliando-se à máquina imperialista USA-CIA, vão explorar até à saturação dois atributos fundamentais: a violência e a pornografia.

Mas debrucemo-nos mais sobre a situação concreta no nosso país e fundamentalmente em Espinho.

«Naquelas férias quentes tudo aconteceu!» (prospecto de propaganda de «Você interessa-se pela coisa?») E as pessoas interrogam-se, afinam a sua curiosidade e frases como «O maior êxito da temporada depois de abolida a censura» (idem), prova táctica do oportunismo das distribuidoras após a queda da ditadura salazarista em 25 de Abril, levam mentes até aí adormecidas por uma política obscurantista a serem manipuladas pelo capitalismo, a afastarem-se das realidades que as circundam.

As sinuosas curvas da actriz, os punhos de ferro do super-herói ou a rapidez supersónica do pistoleiro são aliantes, e as pessoas acorrem em massa, as bilheteiras têm receitas fabulosas, e o capitalismo continua a lutar pela sobrevivência dum sistema desigual, desumano.

Até quando?

M. G. e A. C.

Centro Fotográfico

Alvaro Nunes de Pinho
Tudo para Fotografia e Cinema

RETRATOS
RELOJOARIA

Rua 8 N.º 645

ESPINHO

